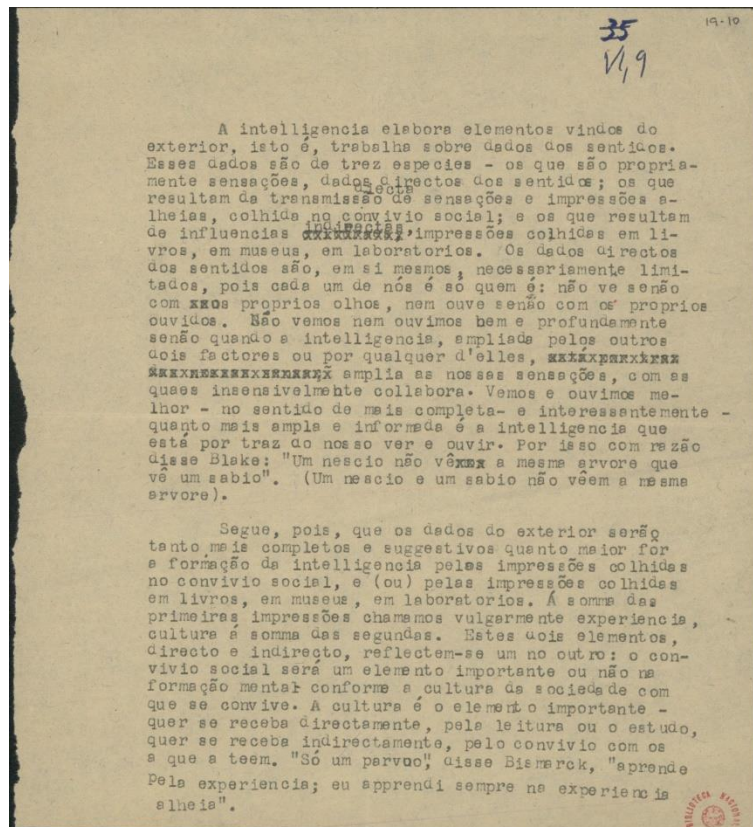


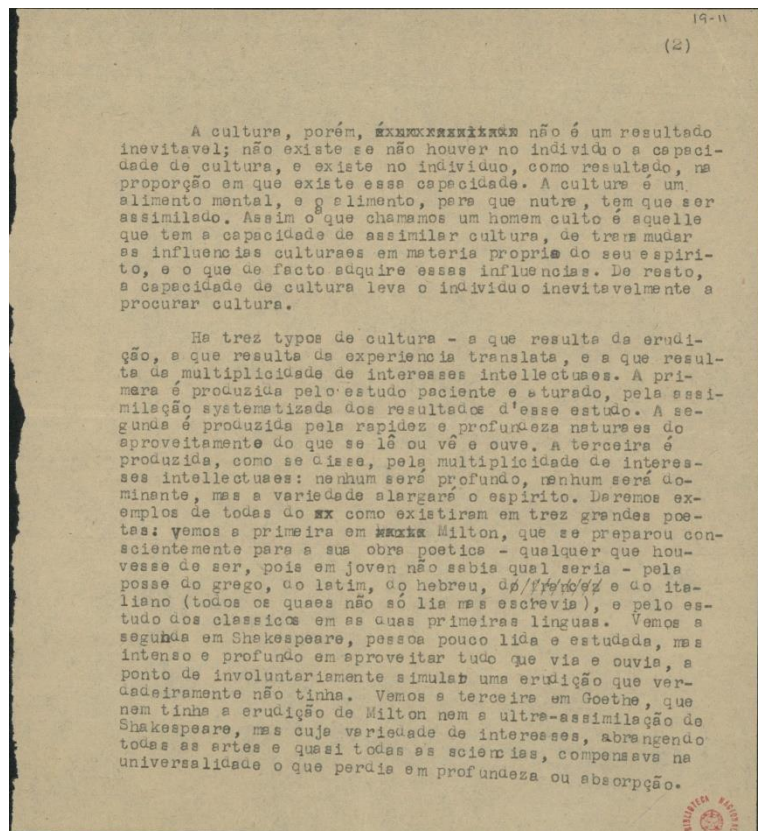
BNP/E3, 19 - 10<sup>o</sup>

Transcrição



A intelligencia elabora elementos vindos do exterior, isto é, trabalha sobre dados dos sentidos. Esses dados são de trez especies - os que são propriamente sensações, dados directos dos sentidos; os que resultam da transmissão directa de sensações e impressões alheias, colhida no convívio social; e os que resultam de influencias ~~culturais~~, indirectas, impressões colhidas em livros, em museus, em laboratorios. Os dados directos dos sentidos são, em si mesmos, necessariamente limitados, pois cada um de nós é só quem é: não vê senão com ~~seus~~ proprios olhos, nem ouve senão com os proprios ouvidos. Não vemos nem ouvimos bem e profundamente senão quando a intelligencia, ampliada pelos outros dois factores ou por qualquer d'elles, ~~está por traz das nossas sensaçõ~~ amplia as nossas sensações, com as quaes insensivelmente collabora. Vemos e ouvimos melhor - no sentido de mais completa- e interessantemente - quanto mais ampla e informada é a intelligencia que está por traz do nosso ver e ouvir. Por isso com razão disse Blake: "Um nescio não vê ~~a~~ a mesma arvore que vê um sabio". (Um nescio e um sabio não vêem a mesma arvore).

Segue, pois, que os dados do exterior serão tanto mais completos e suggestivos quanto maior fôr a formação da intelligencia pelas impressões colhidas no convívio social, e <sup>/(ou)\</sup> pelas impressões colhidas em livros, em museus, em laboratorios. A somma das primeiras impressões chamamos vulgarmente experiencia, cultura á somma das segundas. Estes dois elementos, directo e indirecto, reflectem-se um no outro: o convívio social será um elemento importante ou não na formação mental conforme a cultura da sociedade com que se convive. A cultura é o elemento importante - quer se receba directamente, pela leitura ou o estudo, quer se receba indirectamente, pelo convívio com os que a teem. "Só um parvo", disse Bismarck, "aprende pela experiencia; eu aprendi sempre na experiencia alheia".

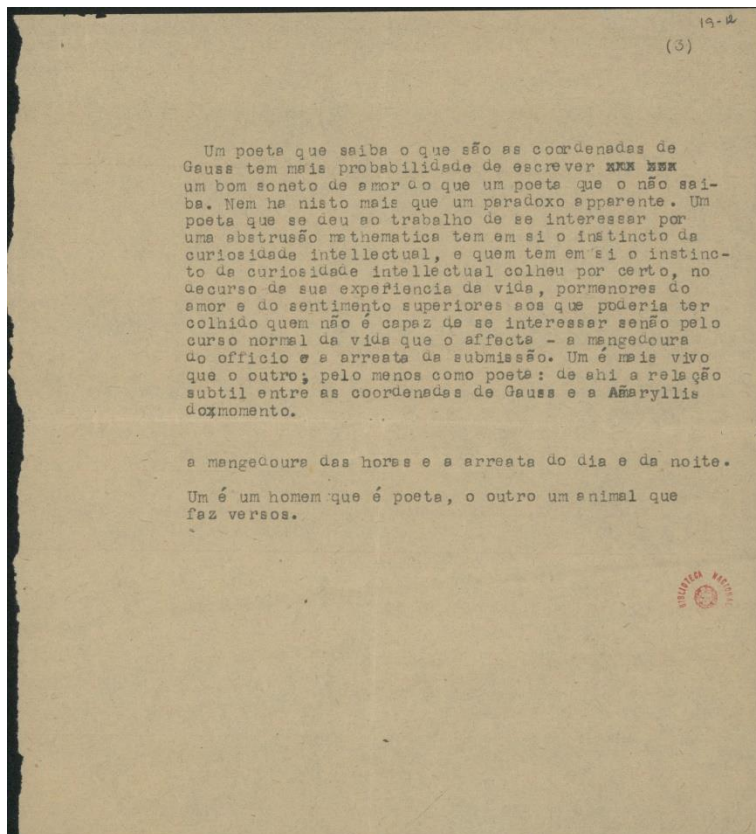


A cultura, porém, ~~é um resultado~~ não é um resultado inevitável; não existe se não houver no individuo a capacidade de cultura, e existe no individuo, como resultado, na proporção em que existe essa capacidade. A cultura é um alimento mental, e o alimento, para que nutra, tem que ser assimilado. Assim o a que chamamos um homem culto é aquelle que tem a capacidade de assimilar cultura, de transmutar as influencias culturaes em materia propria do seu espirito, e o que de facto adquire essas influencias. De resto, a capacidade de cultura leva o individuo inevitavelmente a procurar cultura.

Ha tres typos de cultura - a que resulta da erudição, a que resulta da experiencia translata, e a que resulta da multiplicidade de interesses intellectuaes. A primeira é produzida pelo estudo paciente e aturado, pela assimilação systematizada dos resultados d'esse estudo. A segunda é produzida pela rapidez e profundeza naturaes do aproveitamento do que se lê ou vê e ouve. A terceira é produzida, como se disse, pela multiplicidade de interesses intellectuaes: nenhum será profundo, nenhum será dominante, mas a variedade alargará o espirito. Daremos exemplos de todas do ~~ex~~ como existiram em tres grandes poetas: vemos a primeira em ~~Dante~~ Milton, que se preparou conscientemente para a sua obra poetica - qualquer que houvesse de ser, pois em joven não sabia qual seria - pela posse do grego, do latim, do hebreu, do ~~francês~~ e do italiano (todos os quaes não só lia mas escrevia), e pelo estudo dos classicos em as duas primeiras linguas. Vemos a segunda em Shakespeare, pessoa pouco lida e estudada, mas intenso e profundo em aproveitar tudo que via e ouvia, a ponto de involuntariamente simular uma erudição que verdadeiramente não tinha. Vemos a terceira em Goethe, que nem tinha a erudição de Milton nem a ultra-assimilação de Shakespeare, mas cuja variedade de interesses, abrangendo todas as artes e quasi todas as sciencias, compensava na universalidade o que perdia em profundeza ou absorpção.

BNP/E3, 19 - 12<sup>r</sup>

Transcrição



Um poeta que saiba o que são as coordenadas de Gauss tem mais probabilidade de escrever ~~uma boa~~ um bom soneto de amor do que um poeta que o não saiba. Nem ha nisto mais que um paradoxo apparente. Um poeta que se deu ao trabalho de se interessar por uma abstrusão mathematica tem em si o instincto da curiosidade intellectual, e quem tem em si o instincto da curiosidade intellectual colheu por certo, no decurso da sua experiencia da vida, pormenores do amor e do sentimento superiores aos que poderia ter colhido quem não é capaz de se interessar senão pelo curso normal da vida que o affecta - a mangedoura do officio e a arreata da submissão. Um é mais vivo que o outro; pelo menos como poeta: de ahí a relação subtil entre as coordenadas de Gauss e a Amaryllis do momento.

a mangedoura das horas e a arreata do dia e da noite.

Um é um homem que é poeta, o outro um animal que faz versos.

---

## DIREITOS ASSOCIADOS

---

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).